

## Liberalismo *versus* Democracia

### **CHAMAYOU, Grégoire. A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 416p.**

**Rodrigo José Fernandes de Barros**

Mestre em Ciências Sociais

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

rodjfb@gmail.com

**Recebido:** 15/11/2022

**Aprovado:** 19/01/2024

Durante meados da década de 2010 vários países do Ocidente, bem como América-Latina e outras regiões do globo, presenciaram um fenômeno até então considerado improvável: a ascensão de movimentos e de governos de extrema-direita, com evidente viés antidemocráticos em muitos deles. Países do Sul Global como Brasil, Filipinas e Índia elegeram presidentes com discursos e práticas autoritárias, configurando o que Manuel Castells nomeou de crise de legitimidade política nas democracias liberais (CASTELLS, 2018).

O mesmo ocorreu nas potências da Europa Ocidental, como na Alemanha, França e Reino Unido, nos quais partidos radicais de direita conseguiram aumentar consideravelmente o número de representantes eleitos em câmaras regionais e nacionais. Até nos Estados Unidos da América (EUA), que resguarda para si o papel de bastião da democracia representativa liberal, elegeu Donald John Trump (1946-)<sup>1</sup> para o cargo de presidente – fazendo a trama de ficção de Philip Milton Roth (1933-2018), *The Plot Against America* (Complô contra América), de 2004, assemelhar-se com a realidade, além de levar diversos pesquisadores a tentarem compreender o fenômeno (*e.g.*, LEVITSKY e ZIBLATI, 2018; BROWN, 2019; MOUNK, 2019; EATWELL e GOODWIN, 2020; e, PRZEWORSKI, 2020).

O novo livro do filósofo francês Grégoire Chamayou (1976-) é uma dessas obras. Intitulada *La société ingouvernable; Une généalogie du libéralisme autoritaire*, foi publicada em seu idioma original no

---

<sup>1</sup> Trump serviu como o 45º presidente dos Estados Unidos da América, de 2017 a 2021.

ano de 2018 e traduzida para o português, em 2020, pela Ubu Editora, como “A Sociedade Ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário”, conta com 416 páginas e é dividida em 6 capítulos. No livro, Chamayou carrega consigo importantes traços da metodologia de uma de suas maiores influências, o também filósofo Paul-Michel Foucault (1926-19 84), no sentido de que procura compreender as relações de poder não somente enquanto elemento de domínio de classe ou instituições, mas nas relações a nível micro em direção ao macro e em todas as relações sociais, desde os indivíduos até as grandes redes de perpetração de poder; do disciplinar ao biopoder (FOUCAULT, 2012; 2021).

Em seu primeiro capítulo, Chamayou expõe a realidade do chamado chão de fábrica norte-americano nos anos 1960 e 1970, descrevendo os conflitos de interesse entre a classe operária e os proprietários dos meios de produção. Pela condição de pleno emprego e pela natureza altamente frustrante da maior parte dos postos de trabalho, é presente um elevado grau de absenteísmo ou sabotagem, principalmente quando diante de medidas autoritárias por parte dos supervisores e demais superiores. O desemprego não era um temor para grande parte dos membros da classe trabalhadora nos EUA porque no estado de bem-estar social haveria meios de conter os infortúnios. Mais eficiente seria desmontar o estado de bem-estar social e gerar uma recessão econômica o suficiente para acabar com a condição de pleno emprego, disseminando, assim, a insegurança e, conseqüentemente, o medo do desemprego. Essas medidas foram colocadas em prática a partir do governo de Richard Milhous Nixon (1913-1994)<sup>2</sup>.

O segundo capítulo dá continuidade aos outros atos praticados pelas elites econômicas para garantir o controle sobre os meios de produção e sobre a classe trabalhadora. Ocorre uma revolução do gerencialismo, estabelecendo que aqueles que gerenciam a empresa não são os proprietários, já que os verdadeiros proprietários (os acionistas) não gerenciam a empresa. Para assegurar a fidelidade e eficiência dos gestores, lhe são oferecidas ações a preços mais baixos do que as disponíveis no mercado, ao mesmo tempo em que os gestores se torna facilmente substituível quando não desempenham o papel esperado. Não resta opção ao gestor, tendo que agir conforme o ordenado pelos acionistas caso queira ter acesso a benefícios e manter-se no cargo. O medo mais uma vez se torna ferramenta indispensável da lógica neoliberal ascendente.

---

<sup>2</sup> Nixon serviu como o 37º presidente dos Estados Unidos da América, de 1969 a 1974.

A reação da sociedade civil perante essas mudanças ocupará o terceiro capítulo do livro. Movimentos sociais de diversos tipos começam a exigir maior carga de responsabilidade por parte das empresas, como em nível redistributivo da riqueza e referente aos riscos que acometem ao meio-ambiente. Paralelo a isso, notamos a ótica do gerencialismo se espalhar para além das empresas privadas, invadindo o marketing, a educação e demais áreas da sociedade, como a própria vida privada. A reação dos movimentos de resistência espalha-se por diversos espaços, como sindicatos, universidades e instituições políticas, com o intuito de barrar o avanço dos ideais neoliberais.

No quarto capítulo, o autor expõe o contra-ataque a essas novas formas de resistência. Para assegurar os princípios do crescente neoliberalismo, as corporações empresariais mobilizaram seu próprio ativismo contra os grupos políticos que realizavam grande pressão através do rapto das pautas criadas pelos ativistas contestadores. As empresas não podiam evitar as demandas, então optaram por se apropriar lentamente dos discursos e das pautas para poder moldar as queixas e torná-las mais apropriadas para os interesses das elites econômicas, destronando assim os sindicatos, universidades e demais espaços do protagonismo da oposição. Atualmente é possível notar como que diversas empresas adotaram diversas dessas pautas não para mobilizá-las para o interesse coletivo, mas sim para se venderem como corporações com responsabilidade perante a sociedade e o ecossistema. É o caso das pautas ambientais ou da representação de gênero que são frequentemente utilizadas em campanhas de publicidade e propaganda.

Em seguida, é necessário permitir que o direito internacional e as legislações nacionais comportem as demandas e os interesses das empresas multinacionais. Chamayou desenvolve como se deu esse processo no quinto capítulo da obra, detalhando como que os países ricos e suas elites agiram e ainda agem para defender seus objetivos com a criação de organizações como a *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD) (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) em detrimento da *United Nations* (UN) (Organização das Nações Unidas), já que a primeira poderia ser completamente comandada pelas elites mundiais, enquanto a segunda precisa comportar os países em desenvolvimento. É o surgimento do chamado “direito flexível”, que estimula a transferência de responsabilidade das empresas para as pessoas, o que facilita os lucros das corporações e prejudica a vida da população em geral, estimulando a ótica da culpa individual, ignorando-se responsabilidades de conglomerados empresariais.

O sexto e último capítulo elabora como as correntes neoliberais elegem a democracia representativa como maior obstáculo para a ordem que almejam, já que a democracia permite que grupos minoritários tenham voz e sejam ouvidos. A presença desses grupos é vista como uma ameaça pelos grandes teóricos do neoliberalismo, como Friedrich August von Hayek (1899-1992). A solução, portanto, passa a ser destronar a democracia e estabelecer um Estado autoritário, pois assim é possível reprimir os movimentos opositores e proteger os interesses das elites econômicas.

Contudo, para realizar a ruptura do sistema democrático liberal para o autoritário é necessário seguir um processo de longo prazo, distante dos golpes de Estado tão emblemáticos do século XX, como no Brasil em 1964 ou no Chile e 1973, pois assim se evita resistências. A democracia precisaria sair de cena, mas aos poucos, para que não haja uma ruptura brusca que ocasione convulsões sociais. Um dos exemplos para diminuir a presença do Estado é o gradual processo de privatização dos serviços ofertados para a população, que começa com a degradação das empresas e órgãos estatais para que esses não ofereçam serviços satisfatórios, fazendo com que as ideias de privatização soem interessantes e sejam encaradas como solução para salvar empresas estatais e, conseqüentemente, o próprio Estado da falência.

A obra de Chamayou se destaca por seu caráter seminal e pelo material considerável utilizado como fonte, como os relatórios, as gravações e as inúmeras outras fontes documentais que são utilizadas no texto. Se trata de um verdadeiro trabalho de fôlego para realizar uma genealogia do neoliberalismo para além dos teóricos clássicos dessa corrente. O livro reforça a tese já defendida por outros autores, como o sociólogo alemão Wolfgang Streeck (1946-) em *Buying Time: The Delayed Crisis of Democratic Capitalism* (publicado no Brasil em 2018 pela Boitempo Editorial como “Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático”). Streeck há anos já declarava que o casamento entre capitalismo e democracia representativa pode estar perigosamente perto do fim. Vivemos numa crise que tenta comprar o tempo através de medidas paliativas, mesmo com a tendência do neoliberalismo em fortalecer, se necessário for, os movimentos de extrema-direita em todo o mundo e colocar em risco os sistemas democráticos.

### Referências bibliográficas

- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Editora Politeia. 2019.
- CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2018.
- EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal**. Rio de Janeiro: Editora Record. 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2021.
- FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco. 1992.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATI, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2018.
- MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que a nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.
- PRZEWORSKI, Adam. **Crises da democracia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2020.
- ROTH, Philip. **Complô contra a América**. São Paulo: Companhia de Letras, 2015.
- STREECK, Wolfgang. **Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.